

Desafios que a educação a distância traz para a presencial

Challenges that distance learning brings to face-to-face education

José Manuel Moran*

* Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo.
Coordenador de Educação a Distância da Faculdade Sumaré – SP
Professor de Novas Tecnologias na Universidade Bandeirante – SP
e-mail: <jmmoran@usp.br>
http://www.eca.usp.br/prof/moran

Resumo

A EAD de qualidade propõe desafios para a educação presencial: a flexibilidade de tempos, horários, procedimentos; o foco na aprendizagem, no aluno, na tutoria, mais do que no ensino. O sistema bi-modal – parte presencial e parte a distância – se mostra o mais promissor para o ensino nos diversos níveis, principalmente no superior. As universidades poderiam experimentar flexibilizar progressivamente seus currículos até encontrar o equilíbrio em cada área de conhecimento entre o presencial e o virtual.

Palavras-chave: Internet. Educação a distância. Espaços de aprendizagem. Ambientes virtuais. Currículo. Cursos semi-presenciais.

Abstract

Distance Education with quality poses as challenge for traditional education: flexibility of time, schedules, procedures; focuses more the learning the student tutoring than teaching. The two-way systems reveal most promising for education in the various levels, mainly in the superior. The universities could try to make their curricula gradually more flexible until a balance between face-to-face and virtual education is found.

Key words: Internet. Distance education. Virtual spaces of learning. Curriculum. Flexible learning.

1 Introdução

Acompanhando diversos cursos superiores a distância, repetidas vezes ouvi testemunhos de professores e coordenadores sobre o impacto inesperado dos bons cursos de educação a distância nos cursos regulares presenciais. Na implantação da EAD, costuma haver, nas universidades, uma certa desconfiança e até um distanciamento generalizado. Alguns professores, depois de chamados para escrever textos, percebem que não basta serem especialistas em sua área; precisam aprender a escrever de forma coloquial para os alunos, a comunicarem-se afetivamente com eles, a preparar atividades detalhadas. Mais tarde são convidados para gerenciar alguns módulos a distância, ou a supervisionar as atividades de professores-assistentes ou tutores. E constatarem que a organização de atividades a distância exige planejamento, dedicação, comunicação e avaliação bem executados; caso contrário, os alunos se desmotivam e desaparecem.

Esses mesmos professores voltam para as salas de aula presenciais e, aos poucos, começam a ter uma sensação de estranhamento, de que no presencial falta algo, de que o planejamento é muito menos rigoroso, que as atividades em sala são muito menos previstas, que o material poderia ser mais adequado e que a

avaliação é decidida, muitas vezes, ao sabor dos acontecimentos. Professores e alunos, ao ter acesso a bons materiais a distância, costumam trazê-los também para a sala de aula e isso vem contribuindo para a diminuição da separação que ainda há entre os que fazem cursos a distância e os presenciais, nas universidades.

O exemplo mais claro da influência de um curso a distância no ensino presencial o presenciei em Belo Horizonte, no reconhecimento do curso Veredas, de formação superior para professores em serviço, realizado por 18 instituições de Ensino Superior de Minas Gerais.¹ Estavam presentes os coordenadores e equipe das três universidades de Belo Horizonte: A UFMG – Universidade Federal, a UEMG – Universidade Estadual – e a FUMEC – Fundação Mineira de Educação e Cultura. Todos destacaram a importância do Projeto Veredas na melhoria dos cursos presenciais de educação. Um impacto importante acontece na relação entre professores e alunos. O conceito de tutoria desloca o foco da aprendizagem para os alunos e exige um contato freqüente, um acompanhamento individual bem diferente da forma como habitualmente o professor age em relação aos alunos presenciais, onde costuma focar o grupo, a maioria, a média. Também, a forma

¹ A página do projeto Veredas encontra-se em: <<http://www.veredas.mg.gov.br/>>

A visita da Comissão de Reconhecimento do Curso, enviada pela Secretaria de Ensino Superior do MEC, foi realizada nos dias 16, 17 e 18 de setembro de 2004.

como são organizadas as semanas presenciais no Projeto Veredas, que acontecem a cada semestre, amplia a visão global da formação, pela combinação da dimensão cultural, intelectual, afetiva e social.

A EAD propõe desafios para a educação presencial: a flexibilidade de tempos, horários, procedimentos. A combinação do melhor do presencial com o melhor do a distância. O ensino está muito previsível, padronizado, engessado. A EAD nos desafia a todos e em todos os níveis a repensar as propostas de ensinar e aprender de nossas crianças, jovens e adultos (SILVA, 2003; LITWIN, 2000).

A resposta dada até agora ainda é muito tímida, deixada a critério de cada professor, sem uma política institucional mais ousada, corajosa, incentivadora de mudanças. Está mais do que na hora de evoluir, modificar nossas propostas, aprender fazendo.

Na maioria dos colégios e universidades, as atividades a distância não implicam até agora em nenhuma diminuição das aulas presenciais. Duplica-se, na prática, o tempo de atendimento, as atividades de professores e alunos com o mesmo salário. O sistema bi-modal – parte presencial e parte a distância – se mostra o mais promissor para o ensino nos diversos níveis, a partir da quinta série. E essa proporção entre presença e distância pode ser aumentada gradualmente à medida que os alunos são mais adultos. No ensino superior, o MEC permite vinte por cento a distância. Isso é uma primeira etapa de experimentação que nos levará a novas etapas de maiores porcentagens de espaços e tempos virtuais de aprendizagem. As crianças precisam ficar muito mais tempo juntas do que conectadas. Mas à medida que vão crescendo, o nível de interação a distância deve aumentar progressivamente.²

2 Novas Questões que as Tecnologias nos Colocam

A educação está tão defasada em todos os níveis que não bastam medidas paliativas. Obrigar alunos a ficar confinados horas seguidas de aula numa mesma sala, quando temos outras possibilidades, torna-se cada dia mais contraproducente. Para alunos que têm acesso à Internet, à multimídia, as universidades e escolas têm que repensar esse modelo engessado de currículo, de aulas em série, de considerar a sala de aula como único espaço em que pode ocorrer a aprendizagem.

A Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. Cada vez resolvemos mais problemas conectados, a distância. Na educação, porém, sempre colocamos dificuldades para a mudança, sempre achamos justificativas para a inércia ou vamos mudando mais os equipamentos do que os procedimentos. A educação de milhões de pessoas não pode ser mantida na prisão, na asfixia e na monotonia em que se encontra. Está muito engessada, previsível, cansativa.

O presencial se virtualiza e a distância se presencializa.

Os encontros em um mesmo espaço físico se combinam com os encontros virtuais, a distância, através da Internet. E a educação a distância cada vez aproxima mais as pessoas, pelas conexões on-line, em tempo real, que permite que professores e alunos falem entre si e possam formar pequenas comunidades de aprendizagem (LUCENA; FUKS, 2000; PETERS, 2001). Quando alunos e professores estão conectados, surgem novas oportunidades de interação, antes simplesmente impensáveis. O que vale a pena fazer quando estamos em sala de aula e quando estamos só conectados? Como combinar, integrar, gerenciar a interação presencial e a virtual? Como “dar aula” quando os alunos estão distantes geograficamente e podem estar conectados virtualmente?

A Internet abre um horizonte inimaginável de opções para implementação de cursos à distância e de flexibilização dos presenciais. Pelo desenvolvimento da rede é possível disponibilizar, pesquisar e organizar em uma página WEB conteúdos, interligados por palavras-chave, links, sons e imagens e utilizar ferramentas de colaboração como correio eletrônico, fóruns de discussão e outras mídias que favorecem a construção de comunidades virtuais de aprendizagem (PALLOFF; PRATT, 2002).

As tecnologias são apenas apoio, meios. Mas elas nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes das de antes. Podemos aprender estando juntos em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos numa sala para que isso aconteça. Podemos planejar mudanças graduais, flexibilizando o currículo, diminuindo o número de aulas presenciais, combinando-as com atividades em laboratórios conectados à Internet e com atividades a distância (VIEIRA, 2003).

3 Os Principais Pontos de Estrangulamento Didático no Ensino Superior

Hoje aproveitamos efetivamente, em média, menos da metade do tempo na sala de aula, pela percepção de que os cursos são muito longos e de que muitas das informações que acontecem na sala de aula podem ser acessadas ou recuperadas em outro momento. Muitos alunos e professores estão desmotivados com o ensino uniforme, padronizado, que não se adapta ao ritmo de cada um. Criticam o confinamento do processo de ensino-aprendizagem à sala de aula, sempre com as mesmas turmas, com a mesma programação, nos mesmos horários. São complicados os deslocamentos diários de professores e alunos de lugares distantes para poder estar todos juntos na mesma sala, ao mesmo tempo.

Os currículos são excessivamente rígidos, com disciplinas isoladas, sem interação. Há pouca flexibilidade de espaço, tempo, de organização de matérias.

Com a explosiva privatização do ensino nos últimos dez anos, aumentou exponencialmente o número de

² O artigo toma como base as experiências na implantação dos vinte por cento a distância nas Faculdades Sumaré-SP e as que acontecem na Universidade Anhembí-Morumbi e em outras instituições brasileiras.

alunos que trabalha e estuda à noite e que tem pouco tempo para pesquisar. Muitos desses alunos acreditam que basta ouvir o que o professor fala durante as aulas para acompanhar um curso superior, com a conseqüente deterioração dos resultados. Consta-se uma falta de conhecimentos fundamentais para um universitário: capacidade avançada de ler, de compreender, de trabalhar autonomamente, o que dificulta sobremaneira o avanço das classes como um todo.

Conforme dados extraídos do INEP, somente 26% da população com idade superior a 15 anos tem pleno domínio das habilidades de ler e escrever, sendo apenas um em cada quatro jovens e adultos jovens. O restante, ou seja, 50% dos brasileiros são chamados analfabetos funcionais, que “mal conseguem identificar enunciados simples, sendo incapazes de interpretar texto mais longo ou com alguma complexidade”, conforme aponta o INAF.³

Aumentou também o número de novos professores, mas sua capacitação costuma ser deficiente. Valorizam-se mais os conhecimentos das habilitações específicas do que as pedagógicas. Parece que saber matemática já é suficiente para ensiná-la aos alunos, o que não é necessariamente verdade.

4 Contribuições da EAD para a Educação Presencial

A Educação a distância de qualidade reafirma um princípio por demais conhecido de que o foco principal está na aprendizagem mais do que no ensino. E o faz concentrando toda a proposta pedagógica em que o aluno aprenda sozinho e em grupo, com leituras, pesquisas, projetos e outras atividades propostas de forma equilibrada, progressiva e bem dosadas ao longo do curso.

Na EAD a maior parte do tempo do professor não é “lecionar”, mas acompanhar, gerenciar, supervisionar, avaliar o que está acontecendo ao longo do curso. O papel do professor muda claramente: orienta, mais do que explica. Isto também pode acontecer na educação presencial; mas até agora desenvolvemos a cultura da centralidade do papel do professor como o falante, o que informa, o que dá as respostas. A EAD de qualidade nos mostra algumas formas de focar mais a aprendizagem do que o ensino.

Um bom curso a distância possui um equilíbrio entre atividades individuais e a aprendizagem colaborativa, em grupos. Esse equilíbrio pode ser incorporado no ensino presencial: Os alunos podem desenvolver atividades sozinhos e outras em grupos, participando de projetos, pesquisas e outras atividades compartilhadas. Para isso, não precisam ir todos os dias para uma mesma sala, estar com professores em tempos e horários totalmente previsíveis. Alunos com acesso em outros locais que a universidade podem realizar as atividades colaborativas sem estar juntos, mas conectados. Alunos com dificuldades de acesso o encontrarão na própria universidade em salas conectadas, como bibliotecas e

laboratórios. Justifica-se assim uma maior flexibilidade de organização dos horários e tempos de sala de aula e de outros tempos de aprendizagem supervisionada, sem necessariamente obrigar os alunos a estarem no mesmo lugar e tempo com o professor.

O design educacional de um curso a distância também pode ser adaptado, em determinados momentos, ao presencial. Algumas disciplinas mais básicas ou comuns a vários cursos podem ser colocadas na WEB depois de um bom planejamento e desenho do curso. Esse material, leve, atraente e comunicativo pode servir de base para a informação necessária do aluno, para que o aluno o acesse pessoalmente, antes de realizar algumas atividades. Essas disciplinas com o material na WEB podem ser compartilhadas por mais de um professor ou tutor, quando são muitos os alunos. Isso permite que essas disciplinas possam ser oferecidas quase integralmente a distância.

Muitas instituições hoje estão colocando algumas disciplinas a distância em cursos presenciais como parte dos vinte por cento possíveis. Em geral, as universidades começam por disciplinas de recuperação como forma de poder atender aos alunos com mais dificuldades e evitar também o inchaço de turmas. Depois, oferecem a distância disciplinas comuns a vários cursos como Metodologia de Pesquisa, Sociologia e outras semelhantes.

O currículo pode ser flexibilizado, segundo a portaria 2253 do MEC, em 20% da carga total. Algumas disciplinas podem ser oferecidas total ou parcialmente a distância. O “vinte por cento” é uma etapa inicial de criação de cultura on-line. Mais tarde, cada universidade irá definir qual é o ponto de equilíbrio entre o presencial e o virtual em cada área do conhecimento. Não podemos definir *a priori* uma porcentagem aplicável de forma generalizada a todas as situações. Algumas disciplinas necessitam de maior presença física, como as que utilizam laboratório, as que precisam de interação corporal (dança, teatro...). O importante é experimentar diversas soluções para diversos cursos. Todos estamos aprendendo. Nenhuma instituição está muito na frente na educação inovadora on-line.

Podemos começar com algumas disciplinas, apoiando os professores mais familiarizados com as tecnologias e que se dispõem a experimentar e ir criando a cultura do virtual, o conhecimento dentro de cada instituição para avançar para propostas curriculares mais complexas, integradas e flexíveis, até encontrar em cada área de conhecimento e em cada instituição qual é o ponto de equilíbrio entre o presencial e o virtual.

A experiência da Unopar em EAD, que combina teleaulas, Internet e material impresso, pode ser muito útil para a educação presencial⁴. Uma instituição multi-campi pode utilizar as tele-aulas para oferecer disciplinas com renomados especialistas, que não poderiam se deslocar facilmente. Eles dão as aulas principais, enquanto estão nas outras salas os

³ Sobre esses dados poderão ser encontradas referências em <<http://www.forum.direitos.org.br/?q=node/view/1890>>.

⁴ Ver a página da Unopar Virtual em: <<http://www.unoparvirtual.com.br>>.

professores assistentes ou tutores, que fazem o trabalho de aprofundamento, adaptação e complementação local em relação ao trabalho do especialista. Não se trata de substituir os professores por tele-aulas, mas, em determinadas situações, é conveniente aproveitar melhor um bom profissional, utilizando professores assistentes como apoio. Sei que esta proposta pode levar a bons resultados ou a banalizar o ensino, se não for bem planejada. Alguns administradores encontrarão nela uma forma de diminuir custos com professores. Mas vale a pena implementá-la com cuidado, otimizando os bons profissionais e oferecendo ao aluno combinações de aulas presenciais e a distância, onde ele possa aprender da melhor forma possível.

5 A Gestão de Diferentes Espaços e Tempos nos Cursos Presenciais

O professor, em qualquer curso presencial, precisa hoje aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora. O primeiro espaço é o de uma nova sala de aula equipada e com atividades diferentes, que se integra com a ida ao laboratório para desenvolver atividades de pesquisa e de domínio técnico-pedagógico. Estas atividades se ampliam e complementam a distância, nos ambientes virtuais de aprendizagem e se complementam com espaços e tempos de experimentação, de conhecimento da realidade, de inserção em ambientes profissionais e informais.

Antes o professor só se preocupava com o aluno em sala de aula. Agora, continua com o aluno no laboratório (organizando a pesquisa), na Internet (atividades a distância) e no acompanhamento das práticas, dos projetos, das experiências que ligam o aluno à realidade, à sua profissão (como mediador entre a teoria e a prática).

Antes o professor se restringia ao espaço da sala de aula. Agora precisa aprender a gerenciar também atividades a distância, visitas técnicas, orientação de projetos e tudo isso fazendo parte da carga horária da sua disciplina, estando visível na grade curricular, flexibilizando o tempo de estada em aula e incrementando outros espaços e tempos de aprendizagem.

Educar com qualidade implica em ter acesso e competência para organizar e gerenciar as atividades didáticas em, pelo menos, quatro espaços:

5.1 Reorganização dos ambientes presenciais

A sala de aula como ambiente presencial tradicional precisa ser redefinido. Até agora identificamos ensinar com ir regularmente para este ambiente. Aos poucos, a sala de aula se tornará um ambiente de começo e de finalização de atividades de ensino-aprendizagem, intercalado com outros tempos em que freqüentaremos outros ambientes externos. Como regra geral, nos encontraremos na sala de aula para conhecermo-nos, para organizar os procedimentos didáticos, para motivar os alunos, para instrumentalizá-los sobre as etapas de pesquisa, sobre a alternância com outros ambientes. Depois de um tempo maior ou menor, voltaremos à sala de aula para a apresentação dos resultados, para uma

troca de experiências, para a contextualização e generalização da aprendizagem individual e coletiva. E assim iremos intercalando novas situações presenciais com atividades fora da sala de aula.

A sala de aula perde o caráter de espaço permanente de ensino para o de ambiente onde se iniciam e se concluem os processos de aprendizagem. Permaneceremos menos tempo na sala de aula, mas a intensidade, a qualidade e a importância desses tempos se incrementarão. Estaremos menos tempo juntos fisicamente, mas serão tempos fortes em momentos também importantes de organização de atividades de aprendizagem.

Essa infra-estrutura deve estar a serviço de mudanças na postura do professor, passando de ser uma "babá", de dar tudo pronto, mastigado, para ajudá-lo, de um lado, na organização do caos informativo, na gestão das contradições dos valores e visões de mundo, enquanto, do outro lado, o professor provoca o aluno, o "desorganiza", o desinstala, o estimula a mudanças, a não permanecer acomodado na primeira síntese (SILVA, 2000).

5.2 Atividades nos ambientes presenciais conectados

Um dia, todas as salas de aula estarão conectadas às redes de comunicação instantânea. Como isso ainda está distante, é importante que cada professor programe em uma de suas primeiras aulas uma visita com os alunos ao "laboratório de informática", a uma sala de aula com micros suficientes conectados à Internet. Nessa aula (uma ou duas), o professor pode orientá-los a fazer pesquisa na Internet, a encontrar os materiais mais significativos para a área de conhecimento que ele vai trabalhar com os alunos; a que aprendam a distinguir informações relevantes de informações sem referência. Ensinar a pesquisar na WEB ajuda muito aos alunos na realização de atividades virtuais depois, a sentir-se seguros na pesquisa individual e grupal.

Uma outra atividade importante nesse momento é a capacitação para o uso das tecnologias necessárias para acompanhar o curso em seus momentos virtuais: conhecer a plataforma virtual, as ferramentas, como se coloca material, como se enviam atividades, como se participa num fórum, num *chat*, tirar dúvidas técnicas. Esse contato com o laboratório é fundamental porque há alunos pouco familiarizados com essas novas tecnologias e para que todos tenham uma informação comum sobre as ferramentas, sobre como pesquisar e sobre os materiais virtuais do curso.

Tudo isto pressupõe que os professores foram capacitados antes para fazer esse trabalho didático com os alunos no laboratório e nos ambientes virtuais de aprendizagem (o que muitas vezes não acontece).

Quando temos **um curso parcialmente presencial**, podemos organizar os encontros ao vivo como pontuadores de momentos marcantes. Primeiro, nós nos encontramos fisicamente para facilitar o conhecimento mútuo de professores e alunos. Ao vivo, é muito mais fácil que a distância e confiamos mais rapidamente ao estar ao lado da pessoa como um todo, ao vê-la, ouvi-la, senti-la. Depois, é mais fácil explicar e

organizar o processo de aprendizagem, esclarecer, tirar dúvidas, organizar grupos, discutir propostas. É muito mais fácil também aprender a utilizar os ambientes tecnológicos da educação on-line. Podemos ir a um laboratório e nivelar os alunos, os que sabem se sentam junto com os que sabem menos e todos aprendem juntos. No presencial, também é mais fácil motivar os alunos, atender às demandas específicas, fazer os ajustes necessários no programa.

O foco do curso deve ser o desenvolvimento de pesquisa, fazer do aluno um parceiro-pesquisador. Pesquisar de todas as formas, utilizando todas as mídias, todas as fontes, todas as formas de interação. Pesquisar às vezes todos juntos, outras em pequenos grupos, outras individualmente. Pesquisar às vezes na escola; outras, em outros espaços e tempos. Combinar pesquisa presencial e virtual. Comunicar os resultados da pesquisa para todos e para o professor. Relacionar os resultados, compará-los, contextualizá-los, aprofundá-los, sintetizá-los⁵.

Mais tarde, depois de uma primeira etapa de aprendizagem on-line, a volta ao presencial adquire uma outra dimensão. É um reencontro tanto intelectual como afetivo. Já nos conhecemos, mas fortalecemos esses vínculos; trocamos experiências, vivências, pesquisas. Aprendemos juntos, tiramos dúvidas coletivas, avaliamos o processo virtual. Fazemos novos ajustes. Explicamos o que acontecerá na próxima etapa e motivamos os alunos para que continuem pesquisando, se encontrando virtualmente, contribuindo.

Os próximos encontros presenciais já trazem maiores contribuições dos alunos, dos resultados de pesquisas, de projetos, de solução de problemas, entre outras formas de avaliação.

5.3 A utilização de ambientes virtuais de aprendizagem

Os alunos já se conhecem, já têm as informações básicas de como pesquisar e de como utilizar os ambientes virtuais de aprendizagem. Agora já podem iniciar à parte a distância do curso, combinando momentos em sala de aula com atividades de pesquisa, comunicação e produção a distância, individuais, em pequenos grupos e todos juntos⁶.

O professor precisa hoje adquirir a competência da gestão dos tempos a distância combinado com o presencial. O que vale a pena fazer pela Internet que ajuda a melhorar a aprendizagem, que mantém a motivação, que traz novas experiências para a classe, que enriquece o repertório do grupo.

Os ambientes virtuais aqui complementam o que fazemos em sala de aula. O professor e os alunos são “liberados” de algumas aulas presenciais e precisam aprender a gerenciar classes virtuais, a organizar atividades que se encaixem em cada momento do processo e que dialoguem e complementem o que estamos fazendo na sala de aula e no laboratório.

Começamos algumas atividades na sala de aula: informações básicas de um tema, organização de grupos, explicitar os objetivos da pesquisa, tirar as dúvidas iniciais. Depois vamos para a Internet e orientamos e acompanhamos as pesquisas que os alunos realizam individualmente ou em pequenos grupos. Pedimos que os alunos coloquem os resultados em uma página, um portfólio ou que as enviem virtualmente, dependendo da orientação dada. Colocamos um tema relevante para discussão no fórum ou numa lista e procuramos acompanhá-la sem sermos centralizadores nem omissos. Os alunos se posicionam primeiro e, depois, fazemos alguns comentários mais gerais, incentivamos, reorientamos algum tema que pareça prioritário, fazemos sínteses provisórias do andamento das discussões ou pedimos que alguns alunos o façam.

Podemos convidar um colega, um pesquisador ou um especialista para um debate com os alunos num *chat*, realizando uma entrevista a distância, atuando como mediadores. Os alunos gostam de participar deste tipo de atividade.

Nós mesmos, professores, podemos marcar alguns tempos de atendimento semanais, se o acharmos conveniente, para tirar dúvidas on-line, para atender grupos, acompanhar o que está sendo feito pelos alunos. Sempre que possível incentivaremos os alunos a que criem seu portfólio, seu espaço virtual de aprendizagem próprio e que disponibilizem o acesso aos colegas, como forma de aprender colaborativamente.

Dependendo do número de horas virtuais, a integração com o presencial é mais fácil. Um tópico discutido no fórum pode ser aprofundado na volta à sala de aula, tornando mais claros os pontos de divergência que havia no virtual.

Creio que há três campos importantes para as atividades virtuais: o da pesquisa, o da comunicação e o da produção. Pesquisa individual de temas, experiências, projetos, textos. Comunicação, realizando debates off e on-line sobre esses temas e experiências pesquisados. Produção, divulgando os resultados no formato multimídia, hipertextual, “linkada” e publicando os resultados para os colegas e, eventualmente, para a comunidade externa ao curso (SCAGNOLI, 2001).

A Internet favorece a construção colaborativa, o trabalho conjunto entre professores e alunos, próximos física ou virtualmente. Podemos participar de uma pesquisa em tempo real, de um projeto entre vários grupos, de uma investigação sobre um problema de atualidade. O importante é combinar o que podemos fazer melhor em sala de aula: conhecer-nos, motivar-nos, reencontrar-nos, com o que podemos fazer a distância pela lista, fórum ou chat – pesquisar, comunicar-nos e divulgar as produções dos professores e dos alunos.

⁵ Uma das formas de organizar pesquisas em grupos de forma colaborativa é utilizando o Webquest, criado por Bernie Dodge, da Universidade de São Diego. Uma página interessante sobre essa metodologia está em <<http://www.webquest.futuro.usp.br>>.

⁶ É interessante o trabalho de CHRYSOS, Adonys. *La universidad semi-presencial: una experiencia de colaboración internacional*. Disponível em: <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/cde/Chrysos.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2004.

É fundamental hoje pensar o currículo de cada curso como um todo, e planejar o tempo de presença física em sala de aula e o tempo de aprendizagem virtual. A maior parte das disciplinas pode utilizar parcialmente atividades a distância. Algumas que exigem menos laboratório ou estar juntos fisicamente podem ter uma carga maior de atividades e tempo virtuais. A flexibilização de gestão de tempo, espaços e atividades é necessária, principalmente no ensino superior ainda tão engessado, burocratizado e confinado à monotonia da fala do professor num único espaço que é o da sala de aula.

5.4 Inserção em ambientes experimentais, profissionais e culturais

Os cursos de formação, os de longa duração, como os de graduação, precisam ampliar o conceito de integração de reflexão e ação, teoria e prática, sem confinar essa integração somente ao estágio, no fim do curso. Todo o currículo pode ser pensando em inserir os alunos em ambientes próximos da realidade que ele estuda, para que possam sentir na prática o que aprendem na teoria e trazer experiências, cases, projetos do cotidiano para a sala de aula. Em algumas áreas, como administração, engenharia, parece mais fácil e evidente essa relação, mas é importante que aconteça em todos os cursos e em todas as etapas do processo de aprendizagem, levando em consideração as peculiaridades de cada um.

Se os alunos fazem pontes entre o que aprendem intelectualmente e as situações reais, experimentais, profissionais ligadas aos seus estudos, a aprendizagem será mais significativa, viva, enriquecedora. As universidades e os professores precisam organizar nos seus currículos e cursos atividades integradoras da prática com a teoria, do compreender com o vivenciar, o fazer e o refletir, de forma sistemática, presencial e virtualmente, em todas as áreas e ao longo de todo o curso.

Dentro de poucos anos, esta discussão do presencial e a distância terá muito menos importância. Caminhamos para uma integração dos núcleos de educação a distância com os atuais núcleos ou coordenações pedagógicas dos cursos presenciais. A maioria dos cursos de graduação e de pós-graduação será semi-presencial e os cursos a distância terão muitas formas de aproximação presencial-virtual (maior contato audiovisual entre os participantes).

6 Reorganização dos Currículos

Com todas as cautelas e problemas que este tema tem por trás, é importante que as universidades reorganizem seus currículos e projetos pedagógicos. As universidades, que têm mais autonomia, poderiam flexibilizar os currículos até chegar a uma carga horária, na média, de cinquenta por cento presencial e cinquenta por cento a distância. Na média, significa que algumas disciplinas teriam menos atividades a distância e outras poderiam ter mais. A implantação poderia ser progressiva, para fazer uma transição progressiva do totalmente presencial para o real semi-presencial.

A idéia não é aligeirar os cursos, nem pagar menos aos professores, mas realizar um planejamento de atividades muito mais racional, atraente, interessante e motivador para professores e alunos e para as instituições. Estar em aula vale a pena, mas durante menos tempo e com mais intensidade.

Estar menos tempo em sala de aula permite que haja uma maior rotatividade de alunos nos mesmos espaços, necessitando construir menos prédios e otimizando melhor os já existentes. Com 25 por cento de um curso feito de modo não presencial, é possível organizar horários de aula de três horas diárias por turma, o que permite organizar duas turmas diferentes por período, duplicando o uso de cada sala. Isso, visto numa escala de muitas turmas, poderia baratear o custo final da mensalidade do aluno sem perder qualidade.

7 Novos Modelos de Cursos

Com a Internet, podemos reorganizar o tempo de sala de aula, o tempo de pesquisa juntos (laboratório) e o tempo de atividades a distância.

Com a evolução da comunicação audiovisual em tempo real, via tele-aula, videoconferência ou pela Internet banda larga, podemos pensar em professores atendendo a várias turmas/salas ao mesmo tempo, interagindo com elas ao vivo e organizando atividades a distância, com ajuda de assistentes. Alguns dos modelos atuais de educação a distância poderiam ser introduzidos na educação presencial. O que proponho é introduzir no presencial muitas das soluções e tecnologias utilizadas na educação a distância ou na educação on-line.

Concordo que é um desafio, que há inúmeros problemas nestas propostas, que podem ser utilizadas para banalizar o ensino. Sei que algumas instituições verão nestas propostas só enxugamento de custos, assim como muitos professores só enxergarão a diminuição possível de aulas e de postos de trabalho. Mas é também verdade que até agora só tentamos paliativos para resolver os problemas de falta de motivação de alunos e professores no ensino presencial. As tecnologias não são a solução mágica, mas permitem pensar em alternativas que otimizem o melhor do presencial e o melhor do virtual.

Sei também que muitas instituições não estão prontas para atender a alunos carentes e que precisam ser encontradas soluções de facilitação do acesso dos alunos ao computador e à Internet. Não podemos permanecer imobilizados, no entanto, porque educação de qualidade hoje se faz com soluções inovadoras pedagógicas, gerenciais e tecnológicas.

8 Conclusão

Com as tecnologias cada vez mais rápidas e integradas, o conceito de presença e distância se altera profundamente e as formas de ensinar e aprender também. *Estamos caminhando para uma aproximação sem precedentes entre os cursos presenciais (cada vez mais semi-presenciais) e os a distância.* Os presenciais terão disciplinas parcialmente a distância

e outras totalmente a distância. E os mesmos professores que estão no presencial-virtual começam a atuar também na educação a distância. Teremos inúmeras possibilidades de aprendizagem que combinarão o melhor do presencial (quando possível) com as facilidades do virtual.

Em poucos anos, dificilmente teremos um curso totalmente presencial. Por isso, caminhamos para fórmulas diferentes de organização de processos de ensino-aprendizagem. Vale a pena inovar, testar, experimentar, porque avançaremos mais rapidamente e com segurança na busca destes novos modelos que estejam de acordo com as mudanças rápidas que experimentamos em todos os campos e com a necessidade de aprender continuamente.

Todas as universidades e organizações educacionais, em todos os níveis, precisam experimentar como integrar o presencial e o virtual, garantindo a aprendizagem significativa. Precisamos vivenciar uma nova pedagogia da comunicação e gestão do presencial e do virtual. É importante que os núcleos de educação a distância das universidades saiam do seu isolamento e se aproximem dos departamentos e grupos de professores interessados em flexibilizar suas aulas, que facilitem o trânsito entre o presencial e o virtual.

Referências

CHRYSOS, Adonys. *La universidad semi-presencial: una experiencia de colaboración internacional*. Disponível em: <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/cde/Chrysos.htm>> Acesso em: 5 abr. 2004.

INAF. Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional. Disponível em: <<http://www.forum.direitos.org.br/>

?q=node/view/1890> Acesso em: 5 abr. 2004.

LITWIN, Edith (Org.). *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LUCENA, Carlos; FUKS, Hugo. *A educação na era da Internet*. Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

_____. *Textos sobre Tecnologias e Comunicação*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran>>.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

SCAGNOLI, Norma. *El aula virtual: usos y elementos que la componen*. Urbana, Universidad de Illinois USA, Enero 2, 2001. Disponível em <<http://www.edudistan.com/ponencias/Norma%20Scagnoli.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2004.

SILVA, Marcos (Org.). *Educação Online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. São Paulo: Loyola, 2003.

SILVA, Marcos. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VIEIRA, Alexandre et al. *Gestão educacional e tecnologia*. São Paulo: Avercamp, 2003.

